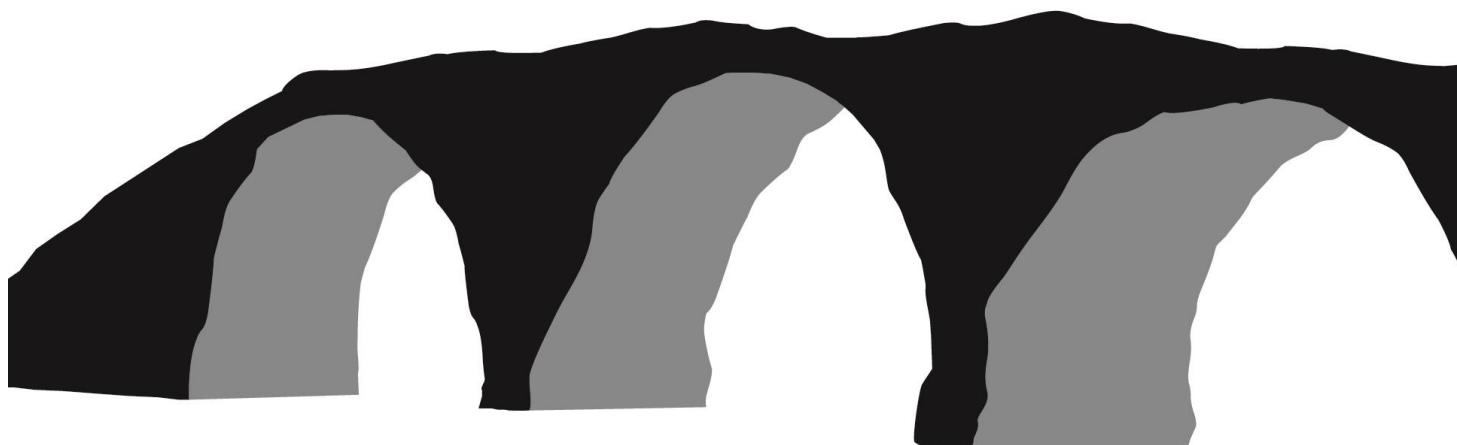


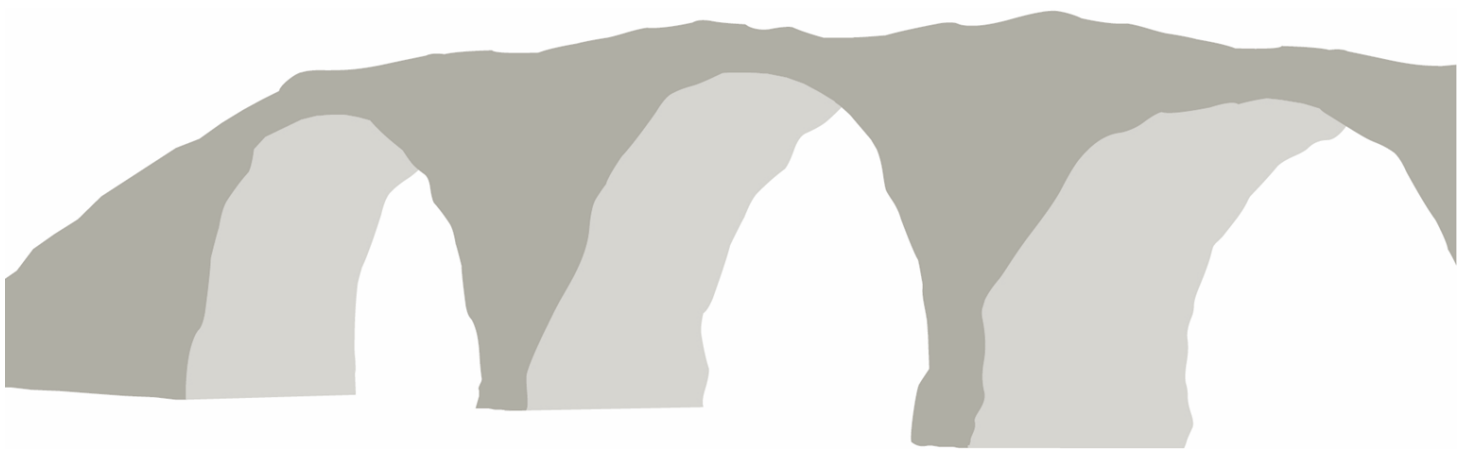
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 12 | Número 1 | Janeiro – Junho 2018
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**BUSCANDO SIMETRIAS NO FIM DO MUNDO: PESSOAS, MAMÍFEROS
MARINHOS E OBJETOS NA ANTÁRTICA DO SÉCULO XIX**

**SEEKING SYMMETRIES AT THE END OF THE WORLD: PEOPLE, MARINE
MAMMALS AND OBJECTS IN 19TH CENTURY ANTARCTICA**

Raquel Caldas Nolasco





Data de recebimento: 03/07/2018.

Data de aceite: 20/07/2018.

BUSCANDO SIMETRIAS NO FIM DO MUNDO: PESSOAS, MAMÍFEROS MARINHOS E OBJETOS NA ANTÁRTICA DO SÉCULO XIX

SEEKING SYMMETRIES AT THE END OF THE WORLD: PEOPLE, MARINE MAMMALS AND OBJECTS IN 19TH CENTURY ANTARCTICA

Raquel Caldas Nolasco¹

RESUMO

Esta pesquisa buscou pensar os contextos de caça de mamíferos marinhos ocorridos durante as primeiras ocupações humanas na Antártica no início do século XIX. Para isso foram utilizados conceitos da Antropologia e Arqueologia Simétrica, entendendo que não apenas as pessoas tiveram papel ativo na história dessas atividades, mas também outros atores. Considerando que mamíferos marinhos e objetos também atuaram nesse contexto, buscou-se mostrar como esses atores se relacionaram durante o período em que estiveram compartilhando do ambiente antártico. Através de vestígios arqueológicos encontrados nas Ilhas Shetland do Sul e de documentação escrita sobre o tema, criou-se uma nova narrativa, em que novos personagens puderam ser inseridos na história do continente antártico.

Palabras-chave: Antártica, Arqueologia Simétrica, agência, foqueiros.

RESUMEN

Esta investigación busca pensar los contextos de caza de mamíferos marinos ocurridos durante las primeras ocupaciones humanas en la Antártida a inicios del siglo XIX. Para esto, fueron utilizados conceptos de la Antropología y Arqueología Simétrica, entendiendo que no solo las personas tuvieron un papel activo en la historia de esas actividades, pero también otros actores. Considerando que mamíferos marinos y objetos también actuaron en ese contexto, se procuró mostrar cómo esos actores se relacionaron durante el período en el cual compartieron el ambiente antártico. A través de los vestigios arqueológicos encontrados en las Islas Shetland del Sur y de documentación escrita sobre el tema, se creó una narrativa donde nuevos personajes pudieron ser incluidos en la historia del continente antártico.

Palabras clave: Antártida, Arqueología Simétrica, agencia, foqueros.

¹Mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais.
Endereço eletrônico: quelcnolasco@gmail.com

ABSTRACT

This research sought to think about the hunting contexts of marine mammals occurred during the first human occupations in Antarctica, at the early 19th century. For this it was used concepts from Symmetrical Anthropology and Archaeology, considering that not only people had an active role in the history of these activities, but also other actors. Considering that marine mammals and objects also acted in this context, it was sought to show how these actors related during the period they shared in Antarctica's environment. Through the archaeological vestiges found in the South Shetland Islands and the written documents about the subject, it was created a new narrative, where new characters were inserted in the history of the Antarctic continent.

Keywords: Antarctica, Symmetrical Archaeology, agency, sealers.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos foram propostas novas maneiras de se pensar relações, mudança, agência, entre outros temas. Neste contexto, ideias como as apresentadas por Bruno Latour (1994a, 1994b, 2012) contribuíram para que novas ontologias dentro das Ciências Sociais fossem pensadas. A Arqueologia também sentiu necessidade de repensar sua disciplina, e vários conceitos propostos por Latour foram aplicados aos contextos arqueológicos. Dessa forma, passamos a repensar nossas ideias, nossas pesquisas, contextos e também narrativas que criamos. A partir disso passamos a buscar o que antes poderia passar despercebido e ser esquecido.

Considerando esse novo modo de pensar, este trabalho² teve como proposta analisar os contextos de caça de mamíferos marinhos ocorridos durante as primeiras ocupações humanas na Antártica no início do século XIX. A pesquisa realizada está inserida nos trabalhos realizados pelo Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (LEACH) da Universidade Federal de Minas Gerais. O atual projeto “Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica, coordenado pelo Prof. Dr. Andrés Zarankin, busca entender como se deu a ocupação humana na Antártica não só no passado (através da linha de pesquisa arqueológica), como também no presente (com temas voltados para a Antropologia) (Zarankin & Senatore, 2007; Zarankin *et al.*, 2011). Impulsionadas pelos interesses do sistema capitalista em expansão nos séculos XVIII e XIX, as primeiras pessoas que chegaram ao extremo sul do planeta buscavam por mercadorias e territórios para aumentar o poder e influência das nações colonialistas (Zarankin & Senatore, 2007).

Por essa razão, quando lemos a história oficial sobre a descoberta do continente antártico, nos deparamos com personagens de destaque bastante específicos e limitados, os quais são exaltados por suas características heróicas, aventureiras e de liderança (Zarankin & Senatore, 2007; Zarankin *et al.*, 2011). As pesquisas realizadas pelo LEACH têm buscado contar as histórias das pessoas que foram marginalizadas por esse processo e esquecidas pela narrativa oficial. Através dos vestígios arqueológicos encontrados na Península Byers da ilha Livingston, no arquipélago das Shetland do Sul na Antártica (Figura 1), novas narrativas estão sendo criadas, buscando inserir os demais atores na história do extremo austral (Zarankin & Senatore, 2007; Zarankin *et al.*, 2011). Desse modo, neste estudo busquei continuar abordando as personagens marginalizadas que fizeram parte desse contexto, indo além dos seres humanos nas relações estabelecidas nas atividades de caça de mamíferos marinhos do continente antártico. Entendendo que diferentes entidades atuaram mutuamente na construção das ações desenroladas no extremo austral, utilizei conceitos da Antropologia e Arqueologia Simétrica para buscar simetrias nos vestígios materiais e nos documentos escritos ligados à esses acontecimentos.

² Este artigo é baseado em minha dissertação intitulada “Pessoas, mamíferos marinhos e objetos: Um olhar simétrico sobre a Antártica do século XIX”, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG em Maio de 2018.

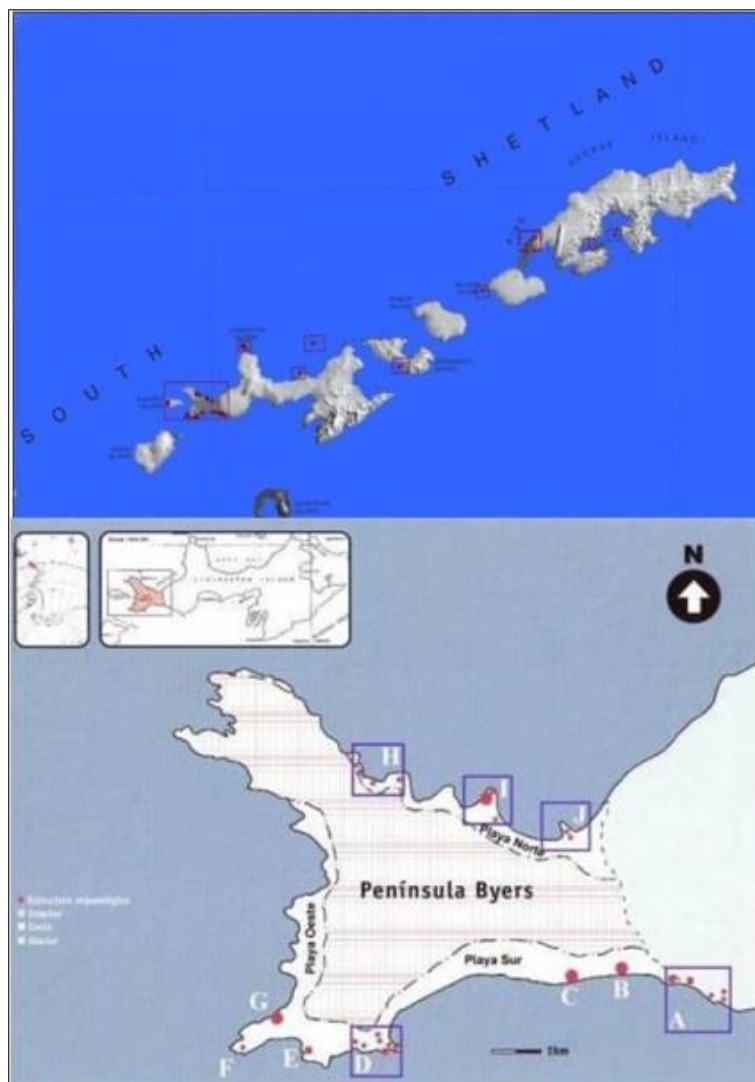


Figura 1: Mapa das Ilhas Shetland do Sul acima, e, abaixo a Península Byers na Ilha Livingston com as principais áreas com sítios arqueológicos. Fonte: Zarankin & Senatore, 2007; Zarankin, 2014.

OS FOQUEIROS PELO MUNDO

Quando há milhões de anos pedras e pedaços de madeira se tornaram ferramentas nas mãos da espécie humana, pessoas passaram a caçar outros animais, incluindo, dessa maneira, as carnes às suas dietas, peles às suas vestimentas e novos óleos em seus cotidianos. Essa relação se manteve (e ainda se mantém) em todos os lugares onde a espécie humana conviveu com outras espécies animais: os primeiros caçando os últimos (Busch, 1985). Não foi diferente com várias espécies de mamíferos marinhos, como as baleias, focas e elefantes marinhos, que foram abatidos por conta de diferentes recursos, como óleos, peles e carne. Através de seu próprio desenvolvimento a espécie humana se deparou com novas necessidades, e com elas novas técnicas surgiram para caçar animais. Verdadeiras indústrias nasceram a partir dessa atividade, se espalhando pelo mundo e se mantendo à custa de diversas espécies (Busch, 1985).

Durante o século XVIII a lontra foi muito apreciada por sua pele, e a sua caça foi de grande importância para a economia no Norte do Pacífico (Busch, 1985; Maddison, 2014). Isso começou a mudar quando em

1750 a China desenvolveu uma técnica capaz de processar a pele de focas de maneira a obter tecidos utilizados na confecção de roupas para a elite do Norte chinês (Figura 2), onde havia alta demanda dessas mercadorias (Stackpole, 1953; Busch, 1985; Maddison, 2014). A estrutura da pele das focas é formada por uma camada dupla de pelos, sendo uma mais curta e macia, que é protegida por outra mais rígida, que impede o contato da primeira com a gordura do corpo (Busch, 1985; Jefferson *et al*, 2015). A camada de pelos macios era utilizada na confecção das roupas e acessórios, e era necessário alcançá-la retirando a base protetora externa. Assim, o que a China apresentou no meio do século XVIII foi uma maneira de chegar nessa matéria-prima. A partir do impulso inicial chinês, a indústria foqueira surgiu, cresceu e se espalhou pelo mundo entre os séculos XVIII e XIX.



Figura 2: Propaganda de revista com roupas confeccionadas em pele de raposas, lontras e focas ou lobos-marinhos. A: Paletó de pele de foca; B- Touca de pele de foca; C- Chapéu-coco de foca; D- Chapéu de pele de foca; E- Chapéu - Theo de pele de foca. Fonte: Art and Picture Collection, The New York Public Library, 1882.

Além da demanda dos consumidores chineses, outros interesses também contribuíram para o surgimento e o sucesso da indústria de roupas e acessórios de pele de foca. As nações colonialistas, que

durante o século XVIII buscavam novos territórios para integrar aos que já possuíam e inseri-los no sistema econômico capitalista que crescia nesse período, também entraram no comércio de peles. Países como França, Rússia e Grã-Bretanha se lançaram ao mar em busca de matérias-primas para o latente mercado chinês (Stackpole, 1953; Busch, 1985; Maddison, 2014). O próprio mercado londrino, no qual havia espaço para o comércio de itens confeccionados em pele de focas, passou a financiar viagens que pudessem permitir abastecer sua economia (Smith, 2002; Basberg & Headland, 2008). Os recém-independentes Estados Unidos também iniciaram relações comerciais com a China e, posteriormente, criaram seu próprio mercado de produtos feitos com pele de focas (Basberg & Headland, 2008)

Começando de maneira intensiva nos mares do Pacífico Norte e culminando na descoberta das Ilhas Pribilof no Mar de Bering, a indústria foqueira foi desbravando todos os mares do planeta (Busch, 1985). Quando as populações das diferentes espécies de focas estavam próximas da extinção, os foqueiros partiam em busca de novos locais para caçar. Dessa maneira diversas ilhas foram descobertas pelo oeste da América do Sul (Ilha Guadalupe, Ilhas Más Afuera e Más a Tierra) (Stackpole, 1953; Busch, 1985), além de novas espécies de focas que também eram caçadas intensivamente. O mesmo aconteceu no leste do continente sulamericano, nas ilhas Falkland ou Malvinas, na região da Patagônia, no norte do Oceano Atlântico e na Ilha Geórgia do Sul, descoberta em 1777 (Stackpole, 1953; Busch, 1985, Maddison, 2014).

De início as ilhas espelhadas pelos oceanos Pacífico e Atlântico tinham suas praias abarrotadas de focas e lobos-marinhos, os quais muitas vezes dificultavam a chegada dos caçadores em terra firme (Busch, 1985). Esses mamíferos marinhos, por sua vez, que chegavam às ilhas para uma curta temporada de reprodução e cuidados com os filhotes, foram caçados até o quase extermínio. Há estimativas de que 1.200.000 peles foram levadas apenas das ilhas Geórgia do Sul (Stackpole, 1953; Busch, 1985). A indústria foqueira teve alta produtividade no final do século XVIII e já no início do XIX teve de lidar com a escassez de focas nas diferentes ilhas. Restando apenas um oceano a ser explorado, as ilhas mais raras e espalhadas pelo Índico começaram a ser visitadas a partir de 1820, e as populações de mamíferos marinhos que nelas viviam não tardaram a também serem dizimadas (Busch, 1985).

As incursões pelos mares em busca de focas e lobos marinhos também se mostraram como uma oportunidade de obter outro produto vindo da família dos pinípedes. Os elefantes-marinhos também frequentavam as mesmas ilhas visitadas pelos foqueiros, e, a partir da gordura desses animais, era possível fabricar óleos que, na época, eram utilizados para a iluminação das cidades e para o funcionamento das indústrias (assim como aqueles obtidos através das baleias) (Stackpole, 1963; Busch, 1985). Dessa maneira, os navios aproveitavam a presença de tais mamíferos para complementar suas cargas e garantir uma viagem mais lucrativa. Os elefantes-marinhos começaram a ser caçados ainda no final do século XVIII e, em alguns casos, foram a garantia de que os navios retornariam com alguma carga quando as populações de focas já haviam sido dizimadas. Esses mamíferos marinhos, porém, também não tardaram a quase serem extintos (Busch, 1985).

Todos os locais explorados em busca de matérias primas fornecidas por focas, lobos e elefantes-marinhos ganharam diferentes histórias ligadas às grandes nações expansionistas que realizavam as viagens. Por essa razão, as personagens que são apresentadas de maneira explícita em tais narrativas não fogem dos capitães de navios e famílias nobres que possuíam embarcações e empresas financiadoras (Stackpole, 1953; Busch, 1985). Esse fato não foi diferente quando as primeiras pessoas chegaram ao extremo sul do planeta, e

em 1819 descobriram as Ilhas Shetland do Sul, parte do continente antártico, que também fez parte do cenário de exploração econômica de mamíferos marinhos. No entanto, para explorar como a história do continente gelado conta com atores muito mais diversos do que estamos acostumados a ver, é preciso definir quem, ou o que, pode fazer parte dessa narrativa.

BUSCANDO SIMETRIAS

O mundo explorado pela indústria foqueira estava atrelado ao colonialismo, Eurocentrismo e capitalismo que formavam o Mundo Moderno, onde eram valorizadas noções de lucro, expansionismo e de uma modernidade construída sobre o primitivismo de outros (Orser, 1996). Nesse contexto, ganharam destaque os dualismos cartesianos de oposição, como corpo-mente, natureza-cultura, humano-animal, sujeito-objeto, política-ciência, passado-presente (González-Ruibal, 2007), sendo imprescindível fazer essas diferenciações para ser considerado “moderno” (Latour, 1994a). Desse modo, nossas narrativas se tornaram assimétricas e antropocêntricas e construímos um mundo que enfatiza o papel do ser humano e o coloca em posição de destaque.

Considerando que nossas ações vão além de relações lineares entre sujeito (humano) e objeto (não humano), precisamos considerar que elas envolvem outros atores além de nós mesmos (Düberck *et al*, 2015). O final do século XVIII também foi palco de mudanças no pensamento científico, constatamos que o mundo não era tão “parado” como imaginávamos. Com a descoberta das forças geológicas, o que antes parecia estático, se descobriu dinâmico, fluído e, assim, capaz de participar ativamente em nossas ações, alterando os papéis por nós desempenhados (Düberck *et al*, 2015). Pensando nisso, e aceitando que vivemos nesse mundo dinâmico, diversos autores se propuseram a repensar nossas narrativas, e tentar torná-las mais simétricas, englobantes e múltiplas a partir da inserção de novos atores nas ações (Witmore, 2007a; Latour, 2012; Ingold, 2012; Hodder, 2012; Olsen & Witmore, 2015; entre outros).

Acredito que uma maneira para repensarmos nossas relações e criarmos narrativas diferentes nesse novo Mundo envolve a necessidade de deixarmos de lado as assimetrias que nos limitam e ampliarmos nosso conceito de agência (Latour, 2012; Düberck *et al*, 2015). Isso implica em aumentar o número de atores envolvidos nas ações ou relações sociais que formam nossas narrativas. Para Latour (2012), uma ação, ou relação, é um nó formado por muitos e diferentes conjuntos que devem ser desmontados aos poucos. Dessa forma, o social faz parte de um mundo maior de fluxos, trocas e interações culturais e materiais que envolvem também agências não humanas (Latour, 2012; Düberck *et al*, 2015). Ao nos limitarmos aos humanos, deixamos os demais atores à margem do social, fora das complexas redes que nos envolvem, sendo que outras entidades podem muitas vezes desempenhar papéis importantes nas relações (Latour, 2012).

Um ator é definido por Latour (2012) como qualquer coisa capaz de modificar uma ação fazendo diferença. O papel dos atores também pode ser considerado como de mediadores de uma ação, aqueles que são os responsáveis pelas mudanças sofridas em uma situação, uma vez que essa não é estática. Segundo Latour (1994a:80), os mediadores são: “atores dotados da capacidade de traduzir aquilo que eles transportam, de redefini-lo, de desdobrá-lo, e também de traí-lo”. Os atores-mediadores reforçam o caráter múltiplo das ações, uma vez que não aparecem sozinhos, não determinam os desdobramentos de uma ação por si só, podem parecer simples e serem complexos. Por isso, para entender o todo, é necessário entender a natureza de todos os seus envolvidos e suas especificidades (Latour, 2012).

A denominada Antropologia Simétrica se propôs então a pensar as relações de maneira mais ampla e englobante, aumentando os atores envolvidos nas mesmas. No entanto isso não implica em eliminar o papel desempenhado pelo ser humano, pelo contrário, a ideia é inseri-lo em relações nas quais há fluxos de trocas contínuos com atores não humanos (Düberck *et al*, 2015). Dessa forma, busca-se uma simetria no sentido de que todos os envolvidos em uma ação devem ser considerados e estudados (Latour, 2012), de modo a explorar completamente um contexto e criar narrativas que reflitam esse caráter simétrico. A partir disso o papel dos objetos nas relações é repensado, uma vez que antes os mesmos não eram incorporados às redes que estavam sendo formadas. Entretanto esses atores muitas vezes são fundamentais para as relações, interferindo e alterando as ações humanas: “precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensinar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir” (Latour, 2012:109). Assumir esse papel dos objetos quebra com várias assimetrias da modernidade, e a partir das trocas realizadas entre os atores humanos e não humanos, novas entidades são formadas, os híbridos, com caráter único, que podem não ser comparáveis e fazer parte da mesma história (Latour, 1994a).

Simetria na disciplina das coisas

A Arqueologia inspirada pela Antropologia Simétrica também propôs considerar as coisas como elas mesmas, olhando-as com atenção, percebendo suas múltiplas conexões, e como elas se entrelaçam à sociedade, reconhecendo-as como mais do que apenas os resultados da intencionalidade humana (Hodder, 2012). Considerando que os objetos são algo do passado que existe no presente, tomá-los como atores mostra a sua capacidade de traduzir ações de momentos cujos demais participantes já não existem (Latour, 1994b). Sendo assim, um conceito ampliado de agência também se fez necessário para pensar os contextos arqueológicos (Webmoor, 2007; Witmore, 2007b) e tirar a cultura material do papel de mera coadjuvante, reconhecendo-a como entidade capaz de impactar as relações em um mundo compartilhado (Olsen & Witmore, 2015).

O princípio de simetria proposto por alguns arqueólogos considera que humanos e não humanos apresentam múltiplas maneiras de se articularem, trocarem fluxos e propriedades, sendo essa capacidade o que configura a mediação, reforçando que uma ação envolve várias entidades (Witmore, 2014a). Sendo assim, precisamos buscar analisar de maneira nivelada os diversos atores que um contexto nos apresenta, negando assim, dualismos previamente concebidos (Witmore, 2007b). Reforçando o papel dos objetos enquanto atores do passado que existem no presente, a Arqueologia Simétrica propõe pensar o próprio passado como um mediador (Webmoor, 2007; Witmore, 2007b), ao considerar sua capacidade de se relacionar com a atualidade e interferir na vida das pessoas de diferentes formas. Além disso, enquanto mediadores do passado, os objetos são capazes de guardar memórias de seus envolvimento não só com humanos, mas também com as demais entidades com que esteve em contato, além de sua própria experiência individual (Olsen & Witmore, 2015).

A proposta de aumentar o número de atores-mediadores envolvidos nas narrativas não busca negar diferenças, similaridades e uniformizar o mundo. É importante ressaltar que o objetivo é explorar todos os envolvidos, tratá-los de forma analiticamente nivelada, de maneira simétrica, considerando as diferenças

como partes constitutivas do mundo e, conseqüentemente, do ser humano (Witmore, 2007a; Olsen & Witmore, 2015). Conforme colocado por Witmore (2007b):

Here, ‘metaphysically speaking, all entities are on the same footing’ (Harman 2007: 33), but symmetry does not imply some simplistic notion of equivalence between humans and nonhumans (Latour 2005a: 76). Moreover, it is not a claim to an undifferentiated world. Symmetrical levelling is neither axiological nor ethical. As such, a symmetrical archaeology attends, not to how ‘individuals’ get on in the world, but rather to how a distributed collective, an entanglement of humans and things, negotiates a complex web of interactions with a diversity of other entities (whether materials, things or our fellow creatures). (Witmore, 2007b:547).

Desse modo meu olhar sobre o contexto de caça de mamíferos marinhos da Antártica busca essa simetria que envolve considerar os aspectos que haviam ficado de lado com os mesmos parâmetros colocados para observar o que comumente destacávamos. Como lembra Witmore (2014b:239), a proposta não é criar um mobiliário básico para o mundo, mas sim de ter um princípio que nos guie para detectar as características relevantes do aposento. Tendo isso em mente, um novo grupo de personagens precisa ser inserido nesses conceitos.

Animais e suas relações

Nos últimos anos uma vertente de estudos dedicada às relações entre humanos e animais vem crescendo em diferentes disciplinas, impulsionada pelo aumento de interesse nos próprios animais em várias esferas (religiosa, pública e comercial), as quais abriram espaço para discussões também nas ciências humanas e sociais (Freeman & Leane, 2011). O chamado *Human Animal Studies*(HAS) aborda aspectos éticos, biológicos, artísticos, sociais, entre outros, que envolvem as relações entre humanos e animais. Com a possibilidade de trazer abordagens mais interpretativas, os estudos buscam ir além dos benefícios dos animais para os humanos, buscar outras formas dessas diferentes entidades se envolverem, questionando os já mencionados dualismos de oposição (Shapiro & DeMello, 2010; Taylor, 2011).

Considerando que nossas sociedades estão conectadas e se estruturam com outros seres, o HAS busca tirar os animais da invisibilidade, repensando a posição de superioridade dos humanos (Taylor, 2011). Dessa maneira podemos observar uma busca por simetrias nessas relações, que fica mais evidente quando os estudos da linha de pesquisa também passam a abordar a agência dos animais. As diferentes e surpreendentes respostas desses seres perante diferentes situações (forçados ou não), que também envolvem pessoas, impulsionaram o reconhecimento da capacidade dos mesmos enquanto agentes (McFarland & Hediger, 2009). Tais estudos têm se esforçado para demonstrar que os animais podem ser sujeitos pensantes, conscientes de seu ambiente, que respondem de maneiras subjetivas às ações que participam (McFarland & Hediger, 2009; Warkentin; 2009).

Apesar das discussões da HAS estarem bastante ligadas à atualidade como questões de ética e direitos dos animais, acredito que esses esforços contribuem para os trabalhos que buscam criar narrativas mais simétricas, buscando explorar todos os atores de um contexto (Nolasco, 2018). No caso das primeiras ocupações humanas no continente antártico e das atividades de caça ligadas a essas, pensar no papel dos mamíferos marinhos que habitam o continente enquanto atores é mais um passo em direção a uma história mais englobante.

PESSOAS, MAMÍFEROS MARINHOS E OBJETOS

As viagens foqueiras eram extensas, carregadas de ansiedades, esperanças e objetivos a serem cumpridos. Durante meses os navios visitavam diferentes locais do globo para se abastecerem e continuarem a jornada por mais alguns meses. Mesmo com essa logística, as incertezas pairavam sobre o futuro da viagem fazendo com que as provisões da tripulação fossem calculadas rigorosamente, pois num prolongamento inesperado, ter esses recursos poderia ser a garantia de um retorno seguro ao lar (Weddell, 1825). Não era diferente em uma viagem para as Shetland do Sul na Antártica após a descoberta das ilhas em 1819, um novo destino cheio de promessas e desafios, cujos recursos enchiam os olhos daqueles que já haviam explorado exaustivamente outras partes do globo (Weddell, 1825; Clarke, 1850; Stackpole, 1953; Busch 1985; Zarankin & Senatore, 2007; Maddison, 2014).

A aproximação das ilhas Antárticas seguia o crescimento dos graus nos paralelos e a diminuição naqueles do termômetro. A temperatura do ar chegava aos 3°C, enquanto a do mar atingia 0°C, e ilhas de gelo começavam a ser avistadas em meio ao mar (Weddell, 1825). A névoa se tornava cada vez mais frequente, confundindo terra firme com ilhas de gelo que obstruíam o caminho, assim como pedaços de gelo desprendidos de iceberg (Weddell, 1825; Cooper, 1860). As tempestades e neblinas deixavam o convés constantemente encharcado, assim como os marinheiros que, por vezes, acabavam se resfriando e ficando doentes, além de terem suas roupas bastante danificadas (Weddell, 1825). Cuidados também eram necessários com os utensílios e ferramentas que permitiam o funcionamento do navio e a realização das atividades cotidianas (Clarke, 1850). Entre esses objetos estavam também aqueles que eram utilizados nas atividades de caça e processamento de focas, lobos-marinhos e elefantes-marinhos. Porretes e estacas de madeira, facas, punhais, armas de fogo, lanças, caldeiras de ferro, barris, sal e corda eram alguns dos instrumentos utilizados nessas atividades, que ganhavam especial cuidado durante as viagens (Clarke, 1850).

Atravessando o mar gelado e os campos de gelo, abaixo do paralelo 60°, os mamíferos marinhos antárticos se encontravam em terra firme mais preparados com as especificidades climáticas do local. A estação fora das águas geladas correspondia ao período reprodutivo, de criação dos filhotes e de troca de pelagem, deixando as praias antárticas povoadas com as colônias de diferentes espécies de focas, além dos lobos-marinhos-antárticos e elefantes-marinhos-do-sul. Estes eram os únicos habitantes do continente gelado durante o seu verão, juntamente com as diversas aves que frequentavam a região, e que acompanhavam o derretimento da neve que cobria as diferentes paisagens (Weddell, 1825), enquanto cuidavam dos afazeres de suas próprias espécies.

Quando finalmente chegavam ao seu destino e encontraram ilhas que não se movem sobre a água, os foqueiros não demoravam a avistar nas praias os responsáveis por terem chegado tão longe no planeta. Avistados os mamíferos marinhos nas praias, os caçadores preparavam seus botes com os instrumentos necessários para começar o trabalho. Caso o grupo fosse ficar acampando durante um período no território antártico, os equipamentos necessários para montar o acampamento também eram levados. Para as diferentes espécies de animais variados instrumentos e técnicas eram utilizados buscando o melhor resultado para os foqueiros (Clarke, 1850). Na busca pelas peles dos mamíferos os objetos eleitos eram os porretes de madeira, facas, punhais e cordas (Clarke, 1850; Clark, 1887). Munidos desses objetos, os foqueiros iniciavam sua aproximação de seus alvos.

Aglomerados entre as praias e as formações rochosas que compõem as ilhas antárticas, as focas e lobos-marinhos mantinham seu dia-a-dia letárgico de poucos e lentos movimentos. Essa rotina era quebrada com a chegada de um grupo estranho que surgia da água em estranhas construções de madeira. A aproximação dos novos habitantes não mudava a princípio o comportamento dócil dos mamíferos marinhos. Logo eles começavam a ser cercados e não demoravam a ser encurralados entre a praia e as formações rochosas pelos recém-chegados foqueiros. Impedidos de fugir para o mar, machos, fêmeas e filhotes logo começavam a ser acertados por parte das pessoas que os cercavam.

Os foqueiros se aproximavam de seus alvos divididos em dois grupos. O primeiro carregava porretes de madeira de até 1,5m de comprimento, diferentes formatos e pesos, sem marcas, decorações ou assinaturas, compostos por duas partes distintas: uma geralmente mais fina, usada para segurar o objeto; e outra mais larga, dedicada a acertar o alvo no local desejado, em alguns casos essa porção poderia ainda estar envolta em um anel de ferro (Clarke, 1850; Busch, 1985). O segundo grupo era o responsável pelas facas e punhais, as quais eram colocadas em um estojo de madeira amarrado à cintura, posicionado da melhor maneira para o foqueiro retirar os objetos do mesmo (Clarke, 1850) (Figura 3). Cada grupo ficava responsável por uma fase do trabalho, e essa divisão era uma maneira de deixá-lo mais ágil e produtivo.

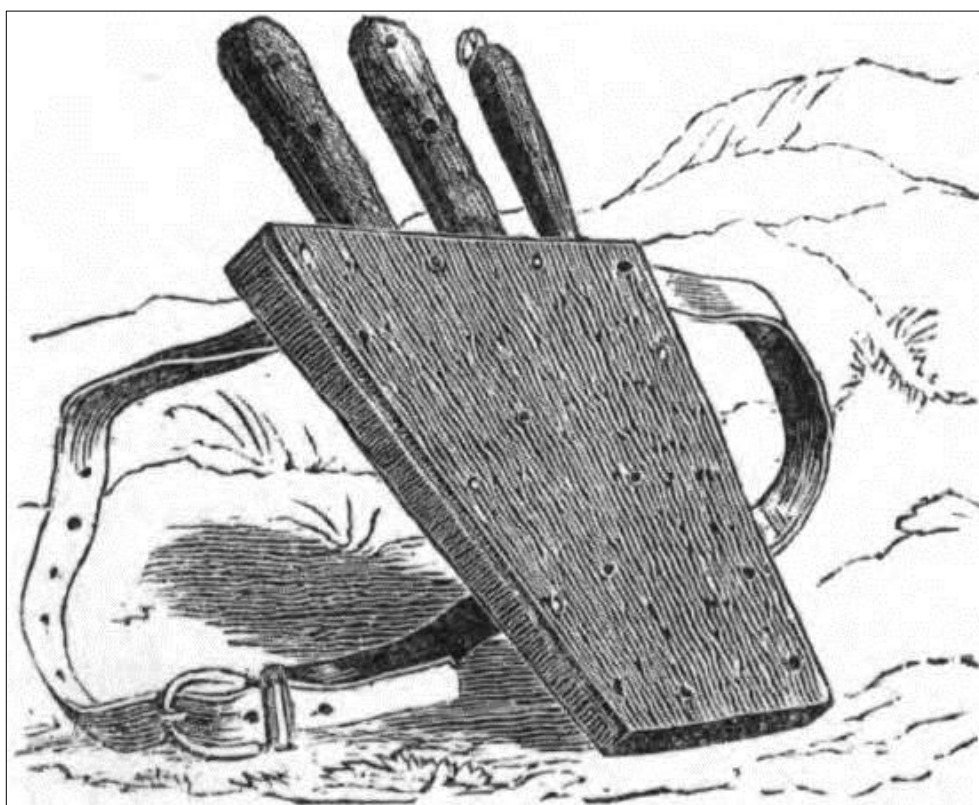


Figura 3: Estojo de madeira com facas e punhais utilizado pelos foqueiros. Fonte: Clarke, 1850.

Os caçadores então, se colocavam bem próximos das focas e lobos, o objeto que estava mediando a situação exigia que o alvo fosse tocado para completar sua função. Os porretes eram erguidos no ar e, imprimindo força para baixo, golpeavam o nariz da caça (Clarke, 1850; Clark, 1887; Busch, 1985). Pessoas, mamíferos marinhos e objetos compartilhavam um instante, tão rápido que é difícil calculá-lo. Ao final da

ação, focas e lobos ficavam atordoados ou desmaiados pelo chão. Enquanto os sobreviventes começavam a se agitar, e o ambiente antes silencioso era preenchido por sons de gritos e pancadas, o segundo grupo de foqueiros começava o seu trabalho. Retiravam as facas e punhais do estojo de madeira e, com um golpe no peito, tiravam a vida do alvo. Com cuidado para não danificar a preciosa pele, as facas novamente mediavam a situação, que neste momento contava com um contato e manipulação mais direta do foqueiro em relação ao lobo ou foca (Figura 4).

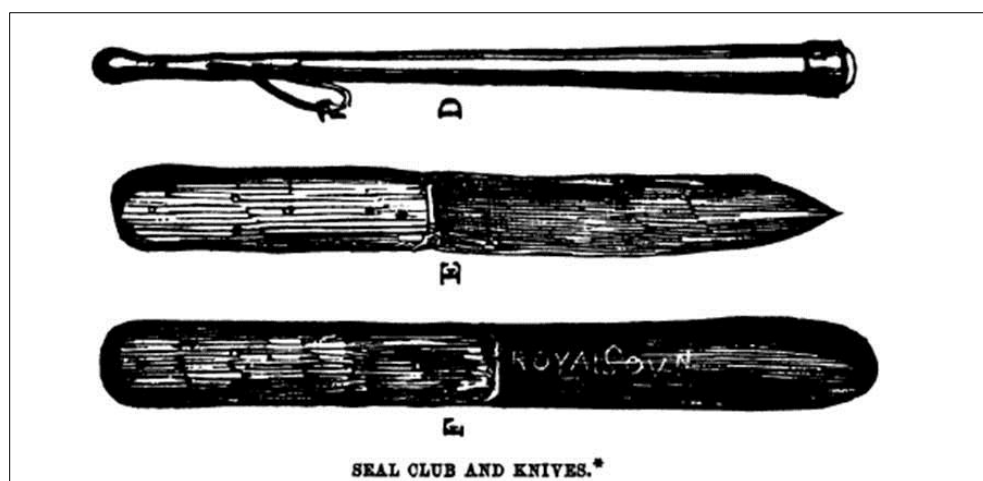


Figura 4: Porrete e facas utilizados para caçar e processar focas e lobos-marinhos. Fonte: Clarke, 1850.

Em seguida começava o processamento das focas e lobos, o qual terminava na transformação dessas no produto desejado. Ainda nas praias, os foqueiros escolhiam novas facas para, com movimentos precisos e bem determinados, retirarem a pele do mamífero marinho. Com o peito voltado para o foqueiro eram feitos cortes na região do pescoço, abaixo das orelhas e do peito, em direção às extremidades, passando pela barriga. A pele era então retirada, posteriormente a gordura, e o que remanesce eram apenas ossos e carcaças (Clarke, 1850; Clark, 1887). O restante do processamento poderia envolver duas técnicas diferentes. Uma delas consistia em salgar as peles após serem lavadas de todo o sangue e terra. Após secarem, as peças eram abundantemente salgadas em sua parte externa, ficando guardadas para a viagem de volta (essa atividade poderia ocorrer tanto no navio como no acampamento, em ambos os casos as peles eram constantemente acrescidas de sal para se conservarem até o fim da expedição) (Clarke, 1850; Clark, 1887). A segunda maneira de continuar o processamento da pele, em especial nos acampamentos, era esticando as mesmas no chão e prendendo-as com estacas de madeira para que pudessem secar (Bonner, 1968). Os objetos eram de até 26cm e diferentes formatos, e normalmente até 10 peças eram posicionadas nas extremidades tentando causar o mínimo de dano (Clark, 1887; Bonner, 1968), mas sobre os fortes ventos antárticos quantidades maiores poderiam ser necessárias (Nolasco, 2018). Quando estavam suficientemente curadas, as peles eram também armazenadas para a jornada de retorno.

Após alguns dias compartilhando o ambiente antártico, pessoas, mamíferos marinhos e objetos estiveram em contato, trocaram experiências e se transformaram (Figura 5). Os espaços dos navios e acampamentos passavam a ser compartilhados com os novos produtos obtidos da caça dessas espécies. Assim

permaneciam até o retorno ao continente de origem dos foqueiros, com novos fluxos que continuavam sendo gerados ao longo desse percurso.



Figura 5: Foqueiros utilizando porretes para abater focas. No detalhe em vermelho focas tentando fugir para a água. Fonte: Lagerbom, 19--.

Em algum outro ponto pelas praias antárticas os elefantes-marinhos se encontravam amontoados em seu estado de letargia, quando o grupo estranho se aproximava. Logo os grupos se viam impedidos de alcançar a água, mas se mantinham calmos. Nesse momento, objetos desconhecidos pelos mamíferos marinhos eram carregados pelos recém-chegados, que iniciavam uma nova atividade.

Os foqueiros que abordavam os elefantes-marinhos escolhiam alguns instrumentos diferentes para obter o óleo que buscavam. Além dos porretes, eram levadas lanças afiadas com pontas medindo cerca de 30cm, presas a hastes de 60cm, encaixadas em cabos de até 1,5m de comprimento e diâmetros variados (Clarke; 1850; Cooper, 1860; Clark, 1887). Não havia necessidade de preservar a pele dos elefantes, dessa forma, espingardas também eram utilizados para caçá-los. Além disso, o estojo de madeira com facas e punhais também era usado pelos foqueiros. Novamente, dividiam-se em grupos para realizar as diferentes etapas do trabalho, e o ambiente em volta era utilizado para cercar os alvos. Lanças e porretes mantinham os foqueiros a certa distância dos mamíferos marinhos. Para atingir os membros mais jovens do bando, eram utilizados os porretes com um golpe na cabeça e posteriormente atravessavam a lança na lateral do corpo para finalizá-lo (Clark, 1887; Bonner, 1994).

Os elefantes adultos eram abordados com as lanças no momento que deixavam o peito exposto (Clarke, 1850; Clark, 1887), com um movimento rápido e certeiro. Nesses momentos era necessário cuidado para que os alvos não agarrassem os instrumentos e o partissem ao meio (Clarke, 1850), deixando os foqueiros vulneráveis à ataques. Os porretes e as lanças são objetos que mantinham pessoas e mamíferos marinhos bem próximos e exigiam que, no momento adequado, o instrumento fosse manejado com precisão, fazendo com que todos os envolvidos estivessem em contato por um breve instante.

Os machos adultos que controlavam os haréns eram os que ofereciam maior perigo, mantinham posições de desafios e eram mais difíceis de se aproximar. Para eles, eram reservadas as munições metálicas das armas de fogo. Os foqueiros aproveitavam o momento em que os elefantes se apoiavam sobre as nadadeiras e abriam a boca para soltar rugidos ferozes, em uma demonstração de poder, para cravar uma bala na parte superior da mandíbula em direção ao cérebro dos mesmos (Figura 6). A mediação da espingarda favorecia os foqueiros na medida em que não exigia uma proximidade com os mamíferos marinhos, desse modo, não havia qualquer tipo de contato entre esses dois atores.

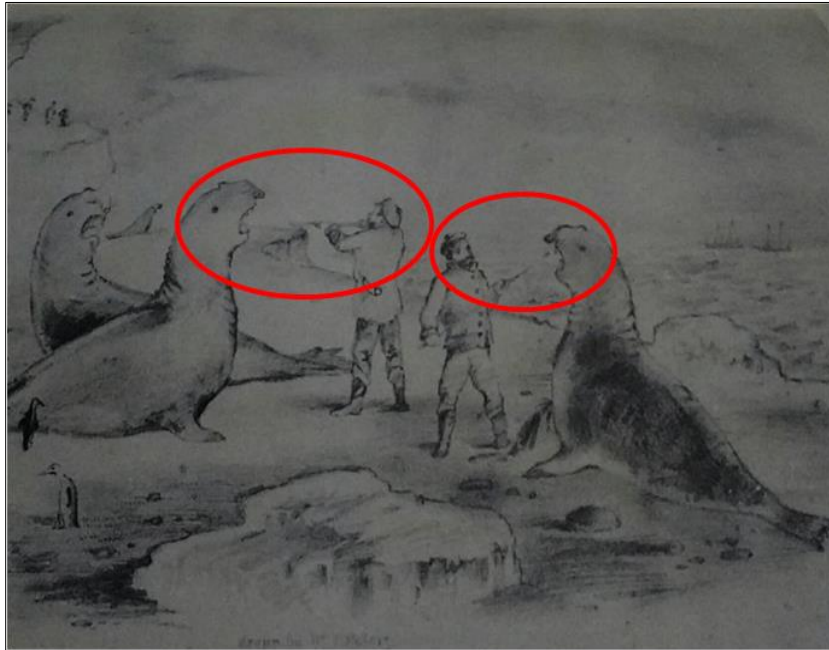


Figura 6: Elefantes-marinhos sendo abatidos com espingardas e lanças. Fonte: Stackpole: 1953.

As marcas de sangue nas praias e em algumas porções de neve marcavam o início do processamento dos elefantes que se tornavam novos produtos. No estojo de madeira se encontravam facas com lâminas afiadas de 20cm, as quais eram usadas para retirar a pele e expor a camada de gordura. Em seguida, eram então feitos cortes denominados de *horse pieces*, que consistiam em pedaços de gordura cortados com dimensões variando entre 45-60cm de comprimento, 30-38cm de largura, e espessura determinada pelo tamanho da própria camada, indo de 2,5cm a 10cm (Clarke, 1850; Clark, 1887). A próxima etapa poderia ser realizada tanto nos acampamentos como nos navios. A gordura retirada dos elefantes era cozida em grandes caldeiras de ferro, conhecidas como *try pots*. Nos navios, as *horse pieces* sofriam novos cortes para ficarem mais finas antes de serem fervidas. Isso era feito numa estrutura denominada *horse*, na qual a peça era posicionada sobre um barril para ser cortada sem escorregar para o chão (Figura 7) e, utilizando uma faca com lâmina de 60cm, os foqueiros realizavam o corte (Clarke, 1850).

Os *try pots* montados nos navios tinham uma base de tijolos com uma estrutura de combustão, uma chaminé para dispersar a fumaça, além de tanques de cobre para escoar e resfriar o óleo (Figura 7) (Clarke, 1850). Nos acampamentos esse equipamento era mais simplificado, contando com as caldeiras de ferro, que eram montadas sobre estruturas de combustão menos elaboradas e sem tanques para resfriamento dos óleos.

Em ambos os casos, as fatias de gordura eram colocadas para cozinhar nesses *try pots* até se transformarem em óleo. Concluído esse processo e resfriado o novo óleo, eram utilizados barris para armazenar o produto até o seu destino final (Clarke, 1950; Clark, 1887).

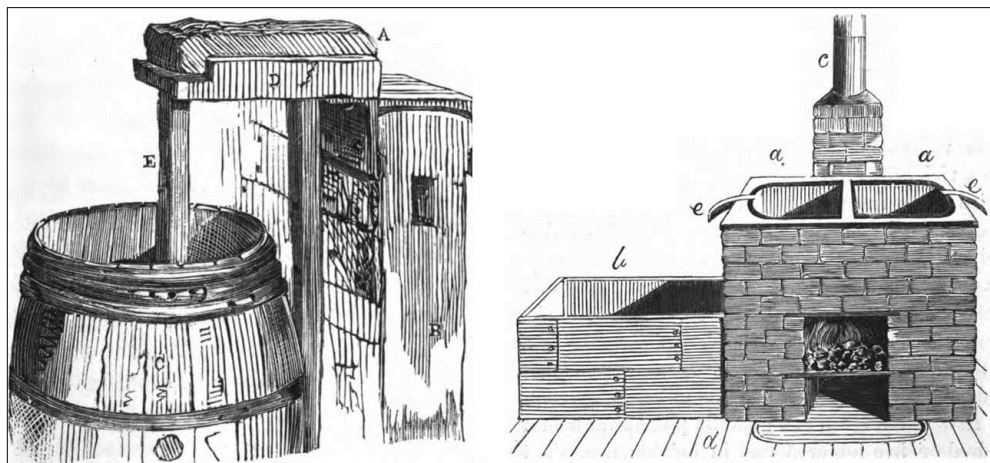


Figura 7: À esquerda, estrutura do horse utilizado para cortar as horse pieces. À direita, estrutura dos try pots para ferver a gordura. Fonte: Clarke, 1850.

Mais uma vez essa atividade permitiu diferentes contatos entre pessoas, instrumentos e mamíferos marinhos antárticos. Por intermédio de porretes, lanças, espingardas, facas e caldeiras ferventes, elefantes-marinhos se transformavam em objetos que se unem aos espaços ocupados pela tripulação e seus instrumentos, seja nos navios ou nos acampamentos, ao final das trocas realizadas entre os diferentes atores que compartilham o ambiente antártico.

HÍBRIDOS ANTÁRTICOS

O que resta hoje nas praias da Ilha Livingston são os vestígios materiais de acontecimentos como os que foram narrados acima. Tais objetos não contam histórias apenas das atividades de caça, mas sobre o dia-a-dia daquelas que foram as primeiras pessoas a viver no continente antártico por um certo tempo (Zarankin & Senatore, 2007; Zarankin *et al*, 2011; Zarankin, 2014; Salerno, 2006; Cruz, 2014; Radicchi, 2015). A maior parte dos vestígios encontrados relacionados à caça e processamento de mamíferos marinhos são porretes, estacas (Figura 8) e munições de arma de fogo, recuperados em diferentes sítios da Península Byers³. Esses objetos atuaram nas relações estabelecidas nessas atividades entre pessoas e mamíferos antárticos, mediando diferentes aspectos das ações permitindo que fossem concluídas. Considerar que esses instrumentos foram parte ativa das ações mostra como eles mediaram diferentes contatos entre pessoas e mamíferos marinhos, de maneira indireta, como no caso dos porretes e armas de fogo, ou direta, como no caso das estacas que implicavam na manipulação das presas mesmo que já sem vida. Mesmo conduzindo contatos indiretos, esses objetos também eram responsáveis pela necessidade de menor ou maior distância entre o foqueiro e focas, lobos ou elefantes. Dessa maneira, a abordagem por parte dos foqueiros era organizada com base nos

³ Para esta pesquisa foram considerados vestígios dos Sítios Sealer 1, Sealer 4, Punta X-2, e de uma coleta de superfície na Praia Sul de Byers.

instrumentos mais adequados para realizar cada tipo de tarefa. A ação dos objetos também é parte importante da transformação dos mamíferos marinhos em coisas ou produtos. No momento em que um porrete atinge seu alvo, naquele breve instante todos os envolvidos são um só, e, ao desfazer essa conexão, nem todos eram os mesmos que no início. As munições de armas de fogo também desempenharam esse papel, apesar de não manter todos os atores conectados em momento algum. Ainda assim, a relação era diferente daquela do processamento. Nesse momento, o que antes era um ser vivo agora já é um produto, e ações em cima dele envolveu novas misturas e contatos entre foqueiros e objetos.



Figura 8: Nas 3 primeiras fotos, porretes de madeira coletados na Praia Sul de Byers. Nas duas fotos abaixo, estacas encontradas nos sítios PX-2 (esquerda) e Sealer 4 (direita). Fonte: Acervo LEACH.

A narrativa que apresentei e todas as ações que a envolvem não teriam acontecido sem a presença dos mamíferos marinhos antárticos e da agência dos mesmos frente às diferentes relações que estabelecem. Focas, lobos e elefantes-marinhos foram os responsáveis por fazer com que pessoas de diversas partes do mundo viajassem até o continente no extremo sul do planeta, atrás dos recursos que esses poderiam fornecer. As espécies que eram caçadas determinaram os objetos que seriam levados em uma expedição à Antártica, os quais não eram selecionados apenas por fatores que atendiam às necessidades daqueles que iriam manuseá-los. As escolhas estiveram diretamente ligadas às características dos diferentes mamíferos e na forma como estes responderiam ao contato com tais instrumentos. Os foqueiros também precisavam conhecer e entender os

hábitos das diferentes espécies para determinar as melhores abordagens de caça e processamento, além dos objetos adequados a cada situação. Junto com os objetos, os mamíferos marinhos guiaram as técnicas que foram empregadas no contexto das primeiras ocupações humanas na antártica, culminando no sucesso de mais uma indústria capitalista dos séculos XVIII e XIX.

Pessoas, mamíferos marinhos e objetos atuaram mutuamente nas atividades de caça e processamento realizadas na Antártica durante o século XIX. Diferentes atores, cada um com suas características específicas, criam, transformam, trocam, mudam e são mudados pela relação com os demais. Dentro desse emaranhado de conexões surgem os híbridos da história do continente antártico, acrescentando novos aspectos e perspectivas para a narrativa desse local tão único. Através da arqueologia simétrica, busquei destacar novos atores em um contexto que já conta com muitos personagens marginalizados. Com essa nova perspectiva, o “aposento” ganha novo “mobiliário”, um que complementa o antigo sem tirar o valor da sua contribuição. Da mesma maneira, pensar no futuro sobre a nossa relação enquanto arqueólogos com nossos objetos de pesquisa também pode (nos) transformar o trabalho arqueológico. Assim, nos resta continuar buscando simetrias, no passado e no presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Andrés Zarankin pela orientação nessa pesquisa e por todas as oportunidades cedidas junto ao LEACH. Agradeço à Fernanda Codevilla pela ajuda e incentivo durante a pesquisa. Meus agradecimentos também à Jimena Cruz pelo resumo e palavras-chave em espanhol.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ART AND PICTURE COLLECTION, THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY. 1882. Fashionable Furs, And Fur-lined Garments. *The New York Public Library Digital Collections*. Disponível em: <<http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-2065-a3d9-e040-e00a18064a99>> Acesso em 29 de Março de 2018.
- BASBERG, B.; HEADLAND, R. 2008. The 19th Century Antarctic Sealing Industry. Sources, Data and Economic Significance. *NHH. Institutt for Samfunnsøkonomi, Department of Economics, Norges Handelshøyskole*. . SAM 21, September.
- BONNER, N. 1994. *Seals and Sea Lions of the World*. Blandford, London. Pp. 188-191.
- BUSCH, B. C. 1985. *The War Against the seals: A History of the North American Seal Fishery*. McGill – Queen’s University Press.
- CLARK, A. H. 1887. “=The Antarctic Fur-seal and Sea-Elephant Industry. In GOODE, G. B. *The Fisheries and Fishery Industries of the United States: Section V - History And Methods Of The Fisheries*. Government Printing Office.
- CLARKE, W. B. 1850. *Narrative of the Wreck of the “Favorite”- Adventures, Sufferings, and Privations of John Nunn*. London.
- COOPER, J. F. 1860. *The Sea Lions or The Lost Sealers*. W. A. Townsend and Company, New York. Cap. 15.
- CRUZ, M. 2014. *Incorporando comidas e contextos: a alimentação e o corpo nos grupos foqueiros nas Shetland do Sul (Antártica, século XIX)*. 223f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte.
- DÜRBECK, G.; SCHAUMANN, C.; SULLIVAN, H. 2015. Human and Non-human Agencies in the Anthropocene. *Ecozon@* Vol. 6, N. 1. Pp. 118-136.
- FREEMAN, C. & LEANE, E. 2011. Introduction. In: FREEMAN, C.; LEANE, E.; WATT, Y. *Considering animals: contemporary studies in human–animal relations*. Ashgate. Pp. 1-10.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. *Arqueología Simétrica: Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum. v. 18. Pp. 283-285.
- HODDER, I. 2012. *Entangled : an archaeology of the relationships between humans and things*. Wiley-Blackwell, John Wiley and Sons, Inc.
- INGOLD, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37, jan./jun. Porto Alegre. Pp. 25-44.
- JEFFERSON, T.; WEBBER, M; PITMAN, R. 2015. *Marine Mammals of the World*. Elsevier Inc.
- LATOURE, B. 1994a. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*, ed. 34. Rio de Janeiro.
- LATOURE, B. 1994b On Technical Mediation – Philosophy, Sociology, Genealogy. *Common Knowledge*. Fall, Vol. 3, N.2. Pp. 29-64.
- LATOURE, B. 2012. *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede*. EDUFBA e EDUSC. Salvador.
- MCFARLAND, S. & HEDIGER, R. 2009. Approaching the agency of other animals: An Introduction. In: MCFARLAND, S. & HEDIGER, R. *Animals and agency: an interdisciplinary exploration*. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands. Pp. 1-20.
- MADDISON, B. 2014. *Class and colonialism in Antarctic exploration, 1750–1920*.— (Empires in perspective). Pickering & Chatto (Publishers) Ltd.

- NOLASCO, R. 2018. *Pessoas, mamíferos marinhos e objetos: Um olhar simétrico sobre a Antártica do século XIX*. 213f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- OLSEN, B. & WITMORE, C. 2015. Archaeology, symmetry, and the ontology of things: A response to critics. *Archaeological Dialogues*, 22(2). Pp. 187-97.
- ORSER, JR, C. 1996. The Haunts of Historical Archaeology. *A Historical Archaeology of the Modern World*. Plenum, Cap. 4.
- RADICCHI, G. 2015. *Os sapatos lobeiros-baleiros: práticas de calçar do século XIX nas Ilhas Shetland do Sul (Antártica)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- SALERNO, M. 2006. *Arqueología de La Indumentaria: Prácticas e Identidad en los Confines Del Mundo Moderno (Antártida, siglo XIX)*. Del Tridente. Buenos Aires.
- SHAPIRO, K., & DEMELLO, M. 2010. The state of human-animal studies. *Society & Animals*, 18(3). Pp. 307-318.
- SMITH, Ian. 2002. *The New Zealand sealing industry: History, archaeology, and heritage management*. New Zealand Department of Conservation. June.
- STACKPOLE, E. 1953. *The Voyage of the Huron and the Huntress: the American Sealers and the Discovery of the Continent of Antarctica*. Hartford: the Marine Historical Association.
- TAYLOR, N. 2011. Introduction: Thinking about animals. In: TAYLOR, N; SIGNAL, T. *Theorizing animals: re-thinking humanimal relations*. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands. Pp. 1-17.
- WARKENTIN, 2009. T. Whale Agency: Affordances and acts of resistance in captive environments. In: MCFARLAND, S; HEDIGER, R. *Animals and agency: an interdisciplinary exploration*. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands, Pp. 23-43.
- WEBMOOR, T. 2007. Un giro más tras el 'giro social'. El principio de la simetría en arqueología. In: GONZÁLEZ-RUIBAL, A. *Arqueología Simétrica: Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum, v. 18. Pp. 296-304.
- WEDDELL, J. 1825. *A Voyage Towards the South Pole, performed in the years 1822-24*. Paternoster-Row. London.
- WITMORE, C. 2007a. Arqueología Simétrica: un manifiesto breve. In: GONZÁLEZ-RUIBAL, A. *Arqueología Simétrica: Un giro teórico sin revolución paradigmática*. Complutum, v. 18. Pp. 305-313.
- WITMORE, C. 2007b. Symmetrical archaeology: excerpts of a manifesto, *World Archaeology*, 39:4. Pp. 546 – 562.
- WITMORE, C. 2014a. Archaeology and the New Materialisms. *Journal of Contemporary Archaeology*, 1.2. Pp. 203–224.
- WITMORE, C. 2014b. Confronting Things” In: WITMORE, C. Archaeology and the New Materialisms. *Journal of Contemporary Archaeology* 1.2. Pp. 239–242.
- ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X. 2007. *Historias de un Pasado en Blanco. Arqueología Histórica Antártica*. Argumentum. Belo Horizonte.
- ZARANKIN, A.; HISSA, S.; SALERNO, M.; FRONER, Y.; RADICCHI, G.; ASSIS, L.; BATISTA, A. 2011. Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antárticas – Avanços e desafios. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 5, n. 2. Pp. 9-51.
- ZARANKIN, A. 2014. *Relatório Técnico Final - Projeto Arqueologia e Antropologia Antártica*. FAPEMIG – Programa Pesquisador Mineiro – PPM V. Belo Horizonte, Julho.